SEXO, CORPOREIDADE E DISCURSIVIDADE

SALIH, Sara. A linguagem. Cap.3. In: SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Bárbara Bastos Sérgio do Nascimento*

Sara Salih, ao reler Judith Butler e escrever o livro intitulado “Judith Butler e a teoria queer”, aborda, no capítulo número três da referida obra, a questão que circunda a questão do sexo enquanto identidade sexuada.

Inicialmente, ressalta que é sedimentada na teoria de Butler a concepção de que o gênero é efeito do discurso e uma série de atos concatenados e constituídos em um determinado discurso, qual seja, o da hegemonia heterossexual.

Entretanto, resta permanente a dúvida em relação ao corpo propriamente dito. Butler afirma que sexo *é* gênero, uma vez que a materialidade do corpo somente é apreendida através do discurso.

Assim, o “corpo é a circunstância que temos de assumir e interpretar esse conjunto de interpretações que nos foram transmitidas” (SALIH *apud* BUTLER, p.105). Propõe-se, então, a leitura da “raça”– conceito polêmico e nada evidente a ser abordado posteriormente- sexo e sexualidade como discurso, performatividade e citacionalidade, a exemplo da abordagem conferida ao gênero no capítulo anterior do livro.

Parte-se, assim, do pressuposto que as identidades sexuadas são assumidas através de intensa forclusão das identidades que não se incluem no contexto da matriz heterossexual. A genitália reconhecidamente “do macho” e “da fêmea” faz com que nos seja atribuída identidade sexual. Neste ponto, é interessante ressaltar a ocorrência da sexuação por meio da interpelação, que por sua vez estabelece, basicamente, fronteiras e

* Graduanda em Direito pela Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista de pesquisa FIP - PUC Minas em 2012 e então integrante do Grupo de Estudos sobre Simone de Beauvoir. Atual bolsista de pesquisa do PROBIC- PUC Minas.

normas. Butler resgata a idéia de Althusser sobre interpelação, uma vez que o filósofo afirma que uma posição ideológica é assumida quando alguém é interpelado, inserido em um papel preconcebido.

Ressalta-se, todavia, que a interpelação é, necessariamente, bilateral, uma vez que essa confere a um sujeito uma posição, e cabe ao mesmo assumi-la ou não.

Assim, o feto, enquanto ser neutro, incapaz de reconhecer-se enquanto sujeito, tem seu sexo performativamente constituído, desde a gestação, pelos médicos e pela família. Salih acrescenta que, no sentir de Butler, a distinção entre as genitálias é arbitrária, fruto de uma coerção ideológica sofrida por todos desde o nascimento. O sexo é então enunciado performativo interpelativo que constitui o corpo. O corpo, em contrapartida, é efeito naturalizado do discurso, significado na linguagem, que é, em última análise, a matéria.

Ambos – o sexo e o corpo – se consolidam sob a aparência de uma realidade, um fato natural, que torna indisputável a hegemonia heterossexual.

O sexo é também efeito do poder sob a ótica foucaultiana. Por isso, Salih critica em seu texto aqueles que rotulam os textos de Butler como frutos de um “construtivismo radical”. Pelo contrário, o escopo da abordagem de Butler não é ressaltar que existe uma causa por trás da construção, e sim que há inversão da cadeia de causa e efeito.

No tópico “Freud, Lacan e o falo lésbico”, Salih intenta demonstrar como Butler aponta o sexo como significação. Importante ressaltar que, para Butler, o conceito de imaginário morfológico tem origem no conceito de imaginário – enquanto parte da distinção Lacaniana entre imaginário, simbólico e real - e no de morfológico – forma assumida pelo corpo na formação do ego.

Freud teorizou que o corpo precede a percepção do ego sobre o próprio corpo, sendo este reconhecido por meio do prazer e da dor. Lacan, por seu turno, afasta essa tese e afirma que corpo e ego são projeções simultâneas, projeção e idealização psiquicamente investidas. Nesse corpo fantasiado, suas partes adquirem significado, por meio da linguagem.

Nesse ponto, surge a figura do falo, que é um símbolo deslocado. Butler afirma que pênis e falo não são sinônimos, e que esse não é símbolo daquele. Como consequência, surge a possibilidade de reterritorialização subversiva do símbolo falo, por meio do falo lésbico, que consiste, em primeira análise, na possibilidade das mulheres poderem ter e ser

o falo, símbolo que pode ser apropriado e transformado para simbolizar diferentemente, ser subversivo. Um braço poderia ser, por exemplo, um falo.

Em relação ao tema “corpos performativos”, observa-se que, na medida em que o discurso precede e constitui o sujeito, enunciar, porventura, quando da ocasião do nascimento de um bebê, que aquele bebê é uma “menina”, obriga a “menina” a se qualificar como sujeito no interior de uma matriz heterossexual. Tal enunciado é performativo, e não constativo, como pode parecer e demonstra que a feminilidade é citação de uma norma.

Aqui, surge a idéia do sexo enquanto citação, baseado em um conceito derridiano. Citação nesse contexto seria as “formas pelas quais normas ontológicas são empregadas no discurso, alguma vezes de modo forçado, outras não” (SALIH, p.127). Para Derrida, todos os signos lingüísticos são sujeitos à apropriação, reiteração e re-citação. Butler resgata tal idéia para repensar a performatividade através da citacionalidade.

No tópico intitulado “a matéria da raça”, destaca que a obra de Butler não abordou em específico o assunto “raça”, mas que concluiu que tanto o imperativo racial quanto o heterossexual operam-se nas práticas reprodutivas e sexualizantes, estando a raça e a sexualidade imbricadas. Como exemplo, cita a obra “Passando-se” e o filme “Paris está em chamas”.

Por fim, em “perturbação *queer*”, Salih destaca que Butler confronta a natureza alegórica de todas as identidades sexuais com o uso que se faz dessa constatação. Nesse sentido, “algumas vezes é difícil dizer o que é subversivo e o que simplesmente consolida as estruturas de poder existentes” (SALIH, p.138).

REFERÊNCIAS

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.